

A ARTE COMO PRODUTORA DE SUBJETIVIDADE: PENSANDO O DEVI- MULHER

Natalia Franthesca da Silva (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Roberta Stubs Parpinelli
(Orientadora), e-mail: robertastubs@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Ciências Humanas, Psicologia.

Palavras-chave: Feminismo, arte, psicologia.

Resumo

A elaboração da pesquisa buscou promover reflexões e estudos acerca da construção de subjetividades e um devir-mulher, baseando-se em uma visão crítica e na terceira onda do feminismo. Nesta nova fase do movimento, as lutas voltam-se contra padrões estéticos e comportamentais femininos impostos, promovendo a importância da conscientização de diversas formas de existência do ser humano, entendido como singular. Diante disso, é possível traçar linhas e pensamentos de modos de ser mulher, que está sempre em mudança; pensando esta no campo das artes, bem como esta área do conhecimento pode contribuir para um devir-mulher. Para tanto, analisamos alguns trabalhos da artista Cindy Sherman. Suas obras permitem fazer um exercício de reflexão e contestação acerca da submissão dos corpos e comportamentos femininos, moldados pelo patriarcado. No que tange à relação entre subjetividade e devir-mulher, nos apoiamos em autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, Michel Foucault, Judith Butler e Margareth Rago, cujos pensamentos contribuem para uma abertura de múltiplas existências, que vão além do binarismo opressivo homem/mulher socialmente estabelecido.

Introdução

Durante milhares de anos, as mulheres foram deixadas nas penumbras da história, restando apenas a esfera doméstica e a servidão aos homens como função social. Até mesmo nas mitologias religiosas, personagens femininas, mesmo que importantes, ainda carregavam o fardo de serem submissas e dóceis, além de haver crenças que as mesmas eram responsáveis por toda a maldade na Terra devido à sua curiosidade, como no mito de Pandora e Eva (GARCIA, 2011) e também por atos machistas que culpabilizam a vítima, como no mito da Medusa. Deste modo, nossa sociedade modelou-se por estes pensamentos e, como consequência, as mulheres foram deixadas de lado no desenvolvimento das tecnologias mundiais, na arte, na política e em diversos setores, sendo seu único espaço, o doméstico. Segundo Heleieth Safiotti (1987) em seu livro “O poder do Macho”, apesar de haver

diferença de renda salarial no contexto da vida feminina, a identidade que se permanece de um modo geral entre elas é a responsabilidade pela educação dos filhos e o gerenciamento de ordem na casa, independente se há ou não uma outra jornada de trabalho. Este fato decorre da naturalização deste processo por meio do patriarcado estrutural, que caracteriza-se por duas palavras-chave: dominação e exploração.

Ao chegarmos a um determinado patamar de reconhecimento social, podemos tomar como base Rago (2004) e sua concepção de “pós-feminismo”, que instaura novos aspectos nas problematizações ante o movimento. Esta nova ótica feminista passou a mostrar que poderíamos existir de modos diferentes e sermos capazes de ocupar lugares importantes de forma análoga aos homens, radicalizando a liberdade das formas de sujeição impostas às mulheres pela cultura patriarcal e de consumo da sociedade de massas. Segundo Rago, as feministas contemporâneas buscam a emergência de novas formas de feminilidade, liberdade sexual, corporal e expressão.

Partindo da teoria de Deleuze e Guattari, iremos pensar a categoria mulher a partir da ideia de devir-mulher, um modo de ser que flui constantemente, sem findar-se a comportamentos pré-determinados. Portanto, o devir-mulher vai em oposição à submissão de cada ser em identidades formadas pelas políticas determinantes de gênero e sexualidade; vai além de ser o Outro em relação ao homem branco, hetero e cis, deixa de ser determinado e passa a haver a possibilidade de “fluir nos signos assignificados” (Krahe e Matos, 2010, p.6). Contudo, o devir-mulher não ocorre somente na mulher, como se costuma pensar de antemão. Este devir é entendido como a potência de criação de vida que existe em todos nós, independente de seu gênero, sexo e raça, idade.

Relacionado ao que foi exposto, é possível levantar alguns questionamentos acerca destas características imateriais e estéticas da mulher sob uma perspectiva feminista: Como a arte pode contribuir para um devir mulher? Quais os impactos sócio-políticos deste movimento? A artista estadunidense Cindy Sherman aborda em seus trabalhos temas geradores destas reflexões.

Materiais e métodos

O estudo em questão trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, cujo procedimento metodológico foi a pesquisa bibliográfica, entendendo metodologia como um discurso que apresenta o método adotado, que representa a perspectiva na qual será utilizada para coordenar a pesquisa; como proposto por Lima e Mito (2007). Deste modo, o método empregado para o desenvolvimento deste estudo teve como suporte livros, dissertações, teses e artigos científicos, que vão de encontro com os objetivos pretendidos. Os autores principais, cujas obras serviram de aporte teórico foram: Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, Margareth Rago, Judith Butler, Michel Foucault. Já a artista que teve seus trabalhos analisados foi a estadunidense Cindy Sherman.

Resultados e Discussão

Com base no que foi exposto, podemos constatar que os trabalhos da artista Cindy Sherman possui caráter de denúncia das diversas formas de opressão, na qual a

figura feminina é assujeitada socialmente. Sherman usa a fotografia para retratar seu próprio corpo representando as tradições de feminilidade, que vai de moças jovens e bonitas, donas de casa, amantes, prostitutas, até em cenas de mulheres mortas, abusadas e desfiguradas. Para além disso, sua crítica é também sobre os modos em que os indivíduos apresentam-se na esfera pública: sem emoções, sem características marcantes e únicas, sem subjetividade, portanto se tornam mais reservadas e inexpressivas, especialmente as mulheres. Concomitantemente, há um estímulo demasiado nas redes sociais para a exposição de suas intimidades e autorretratos, promovendo um 'show' do eu narcísico e homogeneizado. Portanto, sua arte remete justamente a essas contradições da sociedade individualista com a pretensão de autenticidade do eu. Neste sentido, a análise crítica do tema possui um convite a reinventar-se enquanto mulher, num exercício de deixar fluir-se nos incessantes processos de subjetivação.

Conclusões

Produzir esta pesquisa foi um desafio muito grande devido a diversos fatores, tanto externos quanto internos. Entretanto, a produção possibilitou uma ampliação do pensamento a respeito da subjetividade como múltipla. Tomar consciência do quanto o patriarcado e a heteronormatividade afeta nossas existências é de suma importância, para então tomar as rédeas da vida e constituir-se enquanto um ser que sente, expressa, transforma e recria os modos de estar no mundo. Mesmo depois de décadas de luta, as mulheres ainda precisam posicionar-se sócio-politicamente, visto que as conquistas precisam sempre serem reafirmadas, além disso outras problematizações vão surgindo com o desenvolvimento da sociedade. O feminismo contemporâneo, também conhecido com a terceira onda, batalha por uma autonomia de expressão dos corpos, entendidos pelas teorias abordadas como únicos, incomparáveis, heterogêneos, efêmeros e cambiantes. Portanto, o caminho a trilhar para desconstruir o dualismo homem/mulher predominante em nossa sociedade, aparenta ser um longo processo de metamorfose, na qual há muitas objeções conservadoras, mas ao mesmo tempo, há produção de novas linhas de fuga, maneiras de habitar o mundo, de ser mulher sem estar nos padrões estéticos e comportamentais impostos. A relação entre arte e psicologia pode impulsionar outros modos de ver, sentir e se relacionar com o mundo, fazendo insurgir regimes de sensibilidades críticos e inventivos. É nesse plano que o devir-mulher também opera, rompendo amarras e inaugurando modos singulares de ser mulher. Ser mulher é ser resistência, potência de criação, florescimento contínuo, força, rebeldia, autoconhecimento, é andar por linhas inexploradas, e explorar-se. Por fim, a conclusão é que não há um fechamento de ideias, e sim uma abertura para os diferentes modos de subjetivação, dar força às variadas formas que compõem o mundo, com um projeto ético que visa a livre expressão das diferenças, sem hierarquia de gênero, classe, raça, etnia ou orientação sexual, sem a necessidade de alinhar-se às normatividades e padrões que deixam a vida na impassibilidade e estática.

Agradecimentos

À minha orientadora Roberta Stubs que acolheu, contribuiu e acreditou em meu desejo de produzir conhecimento, na qual percorreu um caminho de descobertas e possíveis aberturas por outras áreas das ciências humanas, além da psicologia.

Aos professores da graduação do curso de Psicologia da UEM.

À minha família, amigos e namorado, que me incentivaram, respeitaram meus momentos de estudo, deram suporte e condições afetivas imprescindíveis para o desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

LIMA, T. MIOTO, R. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Katál**. Florianópolis v. 10. p. 37-45. 2007.

KRAHEI, I. B. MATOS, S. R. L. **Devir mulher como diferença**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO. Maio, 2010, Caxias do Sul. **Anais**. Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em: https://www.uces.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico3/Devir-mulher%20como%20diferenca.pdf. Acesso em 15 out. 2019.

RAGO, M. **Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos**. Poéticas e políticas femininas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 31-42. 2004.

_____. "Dessubjetivando com Cindy Sherman. In: Revista Labrys estudos feministas, jul/dez. 2013b. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys24/libre/marga.htm>. Acesso em 08 jul. 2020.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.